

O *Livro do Desassossego*, obra-prima em prosa de Fernando Pessoa (que o escritor nunca conseguiu organizar e publicar enquanto viveu), atravessou várias fases de escrita e teve dois autores fictícios principais, além de Fernando Pessoa ele-mesmo.

VICENTE GUEDES foi a primeira personagem literária autora do Livro. Podemos classificá-lo como um “quase-semi-heterónimo”. Surgiu no imaginário pessoano a partir de 1907, quando Fernando Pessoa se tornou herdeiro da sua avó Dionísia e anteviu claras possibilidades de se lançar, com esse dinheiro, no mundo empresarial editorial.

Para aquela que viria a ser a Empresa Íbis, em 1909, Pessoa cristalizou assim um “ajudante” de primeira linha, de seu nome Vicente Guedes: poeta, contista, ensaísta e tradutor de Ésquilo, Byron, Shelley e dos pré-heterónimos Charles Robert Anon, Horace James Faber e Alexander Search.

Goradas as aspirações empresariais de Pessoa, com a falência da Íbis, Vicente Guedes veio a deixar de ser contista e tradutor e acabou por ser designado, por volta de 1915, o autor da versão inicial do *Livro do Desassossego*. Esta missão de autor em Guedes foi a solução que Fernando Pessoa encontrou para atenuar e “unificar” o estado excessivamente fragmentário da obra, bem como o estilo rebuscado de alguns dos seus textos.

Empregado do comércio, morador na Rua dos Retroseiros, 17-4.º, Vicente Guedes era um dandy de perfil aris-

tocrata, aparentemente sem quaisquer ambições e com o suporte psicológico perfeito para isso: ser capaz de suportar a nulidade estéril da sua vida com uma “indiferença de mestre”. A mesma indiferença que parece ter guiado os últimos tempos da sua vida, minada pela tuberculose.

Vicente Guedes, apesar de biograficamente morto, assume, desta forma, os desassossegados textos escritos por Pessoa entre 1913 e 1918 e alguns de 1919 e 1920. Antes de abandonar sem explicação a primeira fase da escrita do *Livro do Desassossego* de Vicente Guedes, Fernando Pessoa já tinha interiorizado que a obra poderia “*ser o armazém publicado do impublicável que pode sobreviver como exemplo triste. Está um pouco no caso dos versos incompletos do lírico morto cedo, ou das cartas do grande escritor, mas aqui o que se fixa é não só inferior senão que é diferente, e nesta diferença consiste a razão de publicar-se*”.

Fernando Pessoa só retomou o projecto do *Livro do Desassossego* em meados de 1929. Uma vez mais sem explicação, a segunda fase da obra passa a ser assinada pelo cinzento semi-heterónimo Bernardo Soares, que herda os escritos do misteriosamente desaparecido Vicente Guedes.

Bernardo Soares, “autor final e definitivo” do *Livro do Desassossego*, é definido com minúcia por Fernando Pessoa, em carta de 13 de Janeiro de 1935, a Adolfo Casais Monteiro:

“O meu semi-heterónimo Bernardo Soares, que aliás em muitas coisas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade.”

Com esta descrição e posicionamento, Fernando Pessoa corrige o que escrevera a João Gaspar Simões, em 28 de Julho de 1932: *“Bernardo Soares não é um heterónimo, mas uma personagem literária”*. Na verdade, o estatuto de Bernardo Soares na obra pessoana foi tudo menos estático. Em 1920, por exemplo, vemos o seu nome surgir num projecto relativamente extenso de obras então em curso, onde pode ver-se uma lista de dez contos atribuídos a «B. Soares». O título de um deles, «Taquigrafia», indicia que o autor poderia trabalhar como taquígrafo ou, pelo menos, estar familiarizado com o ambiente e as funções inerentes a ser empregado de escritório.

A verdade é que quando Fernando Pessoa retoma a escrita do *Livro do Desassossego*, em 1929, é Bernardo Soares quem assina então esta “autobiografia sem factos”, com um primeiro trecho datado de 22 de Março daquele ano. Fernando Pessoa parece procurar agora uma identidade que uniformize, de alguma forma, a manta de retalhos em que está a obra.

Seja como for, no envelope onde reuniu os materiais para o *Livro do Desassossego*, Fernando Pessoa incluiu uma folha dactilografada, ao estilo de frontispício, identificando Bernardo Soares como o pseudo-autor da obra e Fernando Pessoa como o autor de facto. Do envelope em causa, foram (ao que parece, propositadamente) excluídos fragmentos da obra nos quais surge o nome de Vicente Guedes.

“A organização do livro deve basear-se numa escolha, rígida quanto possível, dos trechos variadamente existentes, adaptando, porém, os mais antigos, que falhem à psicologia de Bernardo Soares, tal como agora surge, a essa vera psicologia. À parte isso, há que fazer uma revisão geral do próprio estilo, sem que ele perca, na expressão íntima, o devaneio e o desconexo lógico que o caracterizam.

Há que estudar o caso de se se devem inserir trechos grandes, classificáveis sob títulos grandiosos, como a Marcha Fúnebre do Rei Luís Segundo da Baviera, ou a Sinfonia de uma Noite Inquieta. Há a hipótese de deixar como está o trecho da Marcha Fúnebre, e há a hipótese de a transferir para outro livro, em que ficassem os Grandes Trechos juntos.”

O *Livro do Desassossego* fornece-nos uma série de dados biográficos mais que suficientes para traçar um retrato bem desenhado do seu narrador.

Pelas centenas de fragmentos do Livro, é-nos dado a ler que Bernardo Soares nasceu “na província”, perdeu a sua mãe quando tinha apenas um ano e consequentemente passou a viver com parentes, sem interacção com outras crianças e sem visitas do pai. Mais tarde, e ainda criança, descobre ser órfão, quando lhe comunicam que o seu pai se suicidou.

Veio para Lisboa quando era ainda criança, morando num apartamento de onde se ouve o constante som de um piano tocado num dos andares superiores. É presumível que os parentes de Bernardo Soares tenham ainda voltado para a província, uma vez que sabemos também que o semi-heterónimo apenas se fixa definitivamente em Lisboa já na adolescência, “trazido por um tio que lhe arranjou emprego num escritório”, primeiro de vários até chegar à Rua dos Douradores.

Aí, Bernardo Soares trabalha na firma Vasques & C.^a, como ajudante de guarda-livros deste armazém de fazendas, à Baixa lisboeta. Vive na mesma rua, num quarto andar, num quarto alugado muito simples. O seu trabalho é diligente, mas escreve sempre para o Livro, tanto nas pausas de expediente como — especialmente — em casa.

Fernando Pessoa conhece Bernardo Soares num restaurante.

“Era um homem que aparentava trinta anos, magro, mais alto que baixo, curvado exageradamente quando sentado, mas menos quando de pé, vestido com um certo

desleixo não inteiramente desleixado. Na face pálida e sem interesse de feições um ar de sofrimento não acrescentava interesse, e era difícil definir que espécie de sofrimento esse ar indicava — parecia indicar vários, privações, angústias, e aquele sofrimento que nasce da indiferença que provém de ter sofrido muito.

[...]

Soube incidentalmente, por um criado do restaurante, que era empregado do comércio, numa casa ali perto.

Um dia houve um acontecimento na rua, por baixo das janelas — uma cena de pugilato entre dois indivíduos. Os que estavam na sobreloja correram às janelas e eu também, e também o indivíduo de quem falo. Troquei com ele uma frase casual, e ele respondeu no mesmo tom. A sua voz era baça e trémula, como a das criaturas que não esperam nada, porque é perfeitamente inútil esperar.

[...]

Não sei porquê, passámos a cumprimentarmo-nos desde esse dia. Um dia qualquer, que nos aproximara talvez a circunstância absurda de coincidir virmos ambos jantar às nove e meia, entrámos em uma conversa casual. A certa altura ele perguntou-me se eu escrevia. Respondi que sim. Falei-lhe da revista Orpheu, que havia pouco aparecera. Ele elogiou-a, elogiou-a bastante, e eu pasmei de veras. Permiti-me observar-lhe que estranhava porque a arte dos que escrevem em Orpheu sói ser para poucos. Ele disse-me que talvez fosse dos poucos. De resto, acrescentou, essa arte não lhe trouxera propriamente

novidade: e timidamente observou que, não tendo para onde ir nem que fazer, nem amigos que visitasse, nem interesse em ler livros, soía gastar as suas noites, no seu quarto alugado, escrevendo também.”

*

“Ele mobilara — é impossível que não fosse à custa de algumas coisas essenciais — com um certo e aproximado luxo os seus dois quartos. Cuidara especialmente das cadeiras — de braços, fundas, moles —, dos repositores e dos tapetes. Dizia ele que assim se criara um interior ‘para manter a dignidade do tédio’. No quarto à moderna o tédio torna-se desconforto, mágoa física.

Nada o obrigará nunca a fazer nada. Em criança passara isoladamente. Aconteceu que nunca passou por nenhum agrupamento. Nunca frequentara um curso. Não pertencera nunca a uma multidão. Dera-se com ele o curioso fenómeno que com tantos — quem sabe, vendo bem, se com todos? — se dá, de as circunstâncias ocasionais da sua vida se terem talhado à imagem e semelhança da direcção dos seus instintos, de inércia todos, e de afastamento.

Nunca teve de se defrontar com as exigências do Estado ou da sociedade. Às próprias exigências dos seus instintos ele se furtou. Nada o aproximou nunca nem de amigos nem de amantes. Fui o único que, de alguma maneira, estive na intimidade dele. Mas — apesar de ter vivido sempre com uma falsa personalidade sua, e

de suspeitar que nunca ele me teve realmente por amigo — percebi sempre que ele alguém havia de chamar a si para lhe deixar o livro que deixou. Agrada-me pensar que, ainda que ao princípio isto me doesse, quando o notei, por fim vendo tudo através do único critério digno de um psicólogo, fiquei do mesmo modo amigo dele e dedicado ao fim para que ele me aproximou de si — a publicação deste seu livro.”

O semi-heterónimo Bernardo Soares, supostamente já falecido quando Fernando Pessoa se dedica a publicar-lhe o *Livro do Desassossego*, acaba assim por adquirir um papel crucial no entendimento que hoje podemos ter do fenómeno que foi a heteronímia pessoana.

Enquanto em Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis (e até Fernando Pessoa) é a obra que justifica as biografias dos seus autores, no caso de Bernardo Soares é ele quem justifica a natureza fragmentária, plural, desconexa e inacabada do *Livro do Desassossego*.

Na medida em que o “seu” Bernardo Soares era, recordemos, uma “mutação” da personalidade de Fernando Pessoa, compreende-se também a facilidade com que encontramos, na obra, constantes referências factuais ou piscares de olho à poesia de Reis/ Caeiro/ Campos. O que restava de um Pessoa cansado ou sonolento, comprometido nas suas qualidades de raciocínio e de inibição, fazia com que os mais variados ecos dos outros poetas se aconchegassem nesta prosa.

Na prática, ressoavam nela. E como nada na literatura de Pessoa acontecia por acaso, é interessante verificarmos como Fernando se transforma em Bernardo, mudando apenas duas letras. Ou como Soa/res se revela, num instante, um inteligente anagrama de Pes/soa.

No fim de contas, tudo muito natural, para o Fernando Pessoa que já dizia, desde o longínquo 1914 em que formalizou os heterónimos: “Tenho na vida o interesse de um decifrador de charadas.”

Ricardo Belo de Moraes

A Expedição Interior de Vicente Guedes, em *Transição*,
de Ricardo Belo de Moraes

Há em tudo qualquer coisa de sono, de peso e de abandono. Há no que vejo, ouço, toco e sinto, um cansaço de tantos sentidos, uma desilusão de tantas coisas em que não crer é quase uma religião e uma arte. E nesse cansaço de ter que viver, nessa desilusão de ter que sentir, é que eu descobro que é em mim que tudo isso existe, é em mim que todo o universo se desenrola e que é só em mim que ele pode ser sentido, pensado e realizado.

Fernando Pessoa in *Livro do Desassossego*

A experiência de interpretar Vicente Guedes na peça *Transição*, de Ricardo Belo de Moraes, foi uma caminhada única e transformadora que me proporcionou uma imersão intensa no universo pessoano. Vicente Guedes, um dos semi-heterónimos de Fernando Pessoa, é uma figura de complexidade e profundidade ímpares, cuja identidade se entrelaça com as ansiedades e introspeções que permeiam a obra de Pessoa. Esta personagem é uma personificação da melancolia e da contemplação, habitando um limbo existencial onde o passado e o futuro se encontram numa espera incessante e angustiosa.

A figura de Guedes é marcada pela reflexão filosófica e pelo desassossego existencial; uma alma que vive na fron-

teira entre a realidade e a ficção. Ele é habitante de um espaço onírico onde a busca por significado é constante e, muitas vezes, frustrada. A sua existência é definida por uma espera interminável por Fernando Pessoa, que desapareceu da sua vida há dez anos. Esta espera simboliza a luta interna da personagem, que se sente num desorientado abandono sem a presença do mentor que lhe deu propósito e direção.

A chegada de Bernardo Soares, outro semi-heterónimo chamado por Pessoa para continuar o trabalho intérmino do *Livro do Desassossego*, é um ponto de viragem na peça. Este encontro entre Guedes e Soares é um momento de choque, revelação e introspeção. Guedes é confrontado com a realidade evidente da sua substituição, o que acentua o seu sentimento de abandono e irrelevância. O diálogo entre as duas personagens, repleto de tensões e descobertas, é uma exploração instigante das suas respectivas identidades e funções dentro do universo pessoano.

O uso das palavras ditas em uníssono pelos dois atores foi um dos recursos que fez salientar a conexão e o conflito entre Guedes e Soares. Este artifício dramático simboliza a dualidade e a complementaridade dos semi-heterónimos de Pessoa, refletindo, ao mesmo tempo, a complexidade da própria identidade do poeta que lhes deu espessura autoral.

Para dar vida a Vicente Guedes, foi necessário um mergulho nos meandros abissais da psique humana. Guedes é uma personagem que desafia as convenções do teatro, exi-

gindo uma interpretação que vai além das palavras e dos gestos. A sua melancolia, introspecção e desassossego são elementos que ressoam profundamente em toda a constelação poética forjada por Fernando Pessoa. A preparação para esta interpretação envolveu uma leitura atenta e repetida dos textos pessoanos, uma tentativa de compreender as nuances e subtilidades da escrita de Pessoa, e uma introspecção pessoal para trazer à superfície as emoções e os dilemas existenciais que Guedes habita e enfrenta.

A leitura encenada no Auditório do Templo da Poesia, em Oeiras, constituiu um momento particularmente marcante. A atmosfera intimista do espaço, combinada com a força dos textos pessoanos, conjurou uma experiência teatral intensa, emocionalmente exigente. A interação com Ruben Garcia, que interpretou Bernardo Soares, foi fundamental para capturar a dinâmica complexa entre as duas personagens. A química entre nós, enquanto atores, ajudou a dar vida à tensão e ao diálogo profundo que caracteriza a relação entre Guedes e Soares.

A interpretação de Vicente Guedes em *Transição*, em 2018, não foi a minha primeira incursão no universo de Fernando Pessoa. Em 2013, tive o privilégio de interpretar o próprio Fernando Pessoa, o ortónimo, na peça *Menino de Sua Avó*, de Armando Nascimento Rosa. Este espetáculo, em dueto cénico com Maria do Céu Guerra, que interpretou Avó Dionísia (a avó louca de Fernando Pessoa), foi um marco significativo na minha carreira. A peça (estreada em 2013 e com apresentações até 2019) foi

também o objeto da minha tese de doutoramento pela Universidade do Algarve (UAlg), intitulada *Uma interpretação de Pessoa: manual de um ator a partir de* Menino de sua Avó, *de* Armando Nascimento Rosa, *criação de* Maria do Céu Guerra e Adérito Lopes. Este trabalho académico explorou o percurso de criação cénica de uma figura tão icónica, complexa e fascinante como Fernando Pessoa.

Entretanto, em 2016, ocorre a estreia da adaptação cénica de Helder Mateus da Costa para *O Ano da Morte de Ricardo Reis* de José Saramago. Neste espetáculo, contracenei novamente com Ruben Garcia, que desta vez interpretou um Fernando Pessoa póstumo em humorístico registo fantasmático, ficando a meu cargo a interpretação do heterónimo que lhe sobreviveu, Ricardo Reis. O perfil filosófico e poético de Reis exigiu-me uma abordagem meticulosa e introspetiva, ampliando a minha compreensão das múltiplas facetas dos heterónimos de Pessoa. A criação desta personagem foi deveras relevante para mim, enquanto ator, e veio a tornar-se o objeto de estudo do projeto que apresentei para a obtenção do título de especialista em Artes/Teatro/Interpretação, concedido pelo Instituto Politécnico de Lisboa (IPL).

Por seu turno, *Transição* permitiu-me explorar profundidades da alma humana através da lente de uma enigmática e introspetiva personalidade literária de pessoana lavra.

Vicente Guedes é uma figura que desafia o ator a confrontar as suas próprias ansiedades e inseguranças, a

questionar o sentido da existência e a natureza da identidade subjetiva.

Inserida na programação DESASSOSSEGO EM PESSOA, uma iniciativa do Município de Oeiras, *Transição* foi uma homenagem ao universo plural de Fernando Pessoa. A peça não se caracteriza somente como produção teatral; trata-se de uma exploração profunda das camadas do *eu*, das incertezas e das angústias que definem o humano existir. Vicente Guedes, com a sua incessante procura por significado e a sua luta contra a sensação de abandono, representa uma faceta essencial dessa exploração.

A peça conseguiu capturar o fulcro desse desassossego que percorre toda a obra de Pessoa, oferecendo ao público uma oportunidade de refletir sobre as suas próprias existências. A leitura encenada proporcionou uma forma de interação direta e visceral com os textos de Pessoa, permitindo uma exploração pela profundidade e relevância das suas palavras.

Espero que esta experiência, agora perenizada nas palavras do presente livro, possa convidar outros a novas imersões cénicas no universo cerebral e sensorial de Fernando Pessoa, bem como a propiciar as descobertas das múltiplas facetas dos heterónimos que gerou. Que Vicente Guedes continue a inquietar e a fascinar todos aqueles que cruzarem o seu sinuoso caminho!

Adérito Lopes

Quando recebi o convite do Ricardo Belo de Moraes para a peça “Transição” que agora chega às mãos dos leitores, aceitei logo à partida. Nunca renuncio ao bom texto, como acontece aqui.

Não me enganei. Foi absolutamente fantástica, a performance lida que aconteceu no Auditório do Templo da Poesia ao Parque dos Poetas, em Oeiras. É certo que estava com o meu melhor parceiro em palco: o Adérito Lopes, cuja cumplicidade já vem de longe, inclusive do mundo Pessoa, no “1936 o Ano da Morte de Ricardo Reis”, de Saramago, por Helder Mateus da Costa. Eu no papel do defunto Fernando Pessoa e o Adérito Lopes enquanto o heterónimo Ricardo Reis, num verdadeiro sucesso de público e crítica que ainda hoje, em 2024, continua actual nas representações que dele fazemos.

Lembro-me como esta “Transição” do Ricardo Belo de Moraes me foi isso mesmo, até para um conhecimento Pessoa mais profundo. Foi extremamente interessante mergulharmos numa colagem de textos de Fernando Pessoa, Vicente Guedes, Barão de Teive e Álvaro de Campos, entretecidos com rigor entre si e às palavras originais do próprio Ricardo Belo de Moraes.

Além disso, em palco, interessa-nos muito a ideia da variação dentro do mesmo universo. O Adérito Lopes

nunca tinha sido desafiado a interpretar o papel de Vicente Guedes, um pré-heterónimo quase desconhecido. E eu, de igual modo, nunca havia sido convidado a “vestir” a pele do autor final do “Livro do Desassossego”, Bernardo Soares.

Todo este universo entre-dimensões que é o da Rua dos Douradores tinha eco perfeito num palco cenograficamente quase despido, sobre um chão coberto de folhas em que pareciam flutuar uma mesa e quatro cadeiras. Quase um não-espço. Uma divisória imaginária. Dois homens que escrevem texto justaposto, primeiro alheios um ao outro, depois em contracena onde tudo se desenrola para uma dança de palavras, posições que se enfrentam, uma tensão do desconhecido e a discussão entre as personagens, relevadora de tantos aspectos do comportamento humano.

Um texto que nos faz saltar das dúvidas para o belo e o sublime; e vice-versa. Nesta evolução de sensações, nesta “Transição”, experimentámos momentos onde um chão de folhas brancas se transforma em rascunhos ainda por descobrir, ou tempos em que uma cadeira deixa de ser chão de sentar e uma mesa se pode transformar no palco inteiro, um lugar pequeno e fechado onde, ainda assim, cabe “o universo inteiro”, como escreveu Pessoa. Não importa mais nada, na verdade: aqui, a palavra vem em primeiro lugar.

Mesmo que venha enquanto “poesia ajudada sob a forma de canção”, parafraseando Pessoa. A escolha dramática do tema “Lento, no luar lá fora” para início da peça, uma canção que a brasileira Olivia Byington gravou em 1985,

sobre um excerto do Livro do Desassossego, é um rastilho para que as nossas personagens levantem voo, planando sempre com elegância na perícia dos textos originais e escolhidos, muito bem entrelaçados, com ritmo certo.

E na “Transição” do Ricardo Belo de Moraes, a verdade é que voam e bem alto. Quero agradecer-lhe profundamente pela experiência única que tive, porque foi pelo caminho escrito que ele nos traçou que pude, de facto, sentir-me na alma a escrever em palco “triste, no meu quarto quieto, sozinho como sempre tenho sido, sozinho como sempre serei”. E a pensar se na minha voz, enquanto actor, “aparentemente tão pouca coisa”, não pode estar “a substância de milhares de vozes, a fome de milhares de vidas, a paciência de milhões de almas submissas como a minha no destino quotidiano”.

O percurso de “Transição” leva a “minha” personagem de Bernardo Soares, efectivamente, a um clímax onde também o meu próprio coração pulsou “mais alto por minha consciência dele” e aquela espécie de oração fez-me, por instinto puro que consegui usar como matéria teatral, quase explodir no mesmo clamor que o Pessoa queria para o seu Bernardo.

Obrigado, Ricardo Belo de Moraes. Será que esta peça vai ser reposta? Ou, perguntando talvez melhor: quando é que esta peça vai ser reposta?

Ruben Garcia